

PRISCILLA ALLAGE SERRA



CURITIBA

2007

**PRISCILLA ALLAGE SERRA**

**Gênero e sexualidade: *uma experiência na escola***

**Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE: *uma experiência na escola***

Aprovado em: \_\_/\_\_\_\_

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Regina Costa  
(orientadora)**

---

**Prof. Dr. Rogério Goulart da Silva**

***Dedico este trabalho à minha mãe, mulher guerreira. Ensinou-me a trilhar os caminhos com honestidade e perseverança e principalmente a vislumbrar um caminho de luta para minha vida.***

## AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente à Deus, que por suas mãos divinas me mostrou o caminho para a realização dessa monografia conseguida.
- Agradeço à Iara, minha mãe querida a quem dedico esse trabalho por sempre estar ao meu lado me incentivando a sempre lutar pelos meus objetivos.
- Agradeço aos meus irmãos Vanessa e Roberto, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e de tristeza.
- Agradeço aos meus familiares por acreditarem na minha vitória.
- Agradeço a uma pessoa muito especial, Leandro, obrigada pela paciência, pelo amor, pelo carinho com que me incentivou a não desistir desse meu sonho.
- Ao José Altevir, Maura, Kelly e Lucio, obrigada pelo carinho e por tudo que vocês fizeram por mim.
- Às minhas amigas distantes que fizeram parte do início da minha vida acadêmica em Maringá, Amanda e Ana Camila, obrigada pelos momentos de companheirismo e amizade.
- Agradeço à Caryn, Rafael, Carissa, Luiz Henrique, Kendra, Paulinho, Rafael Réus, Carol, Bárbara, João, Laura, Camy, Rodynei, Filipe e a todos os meus amigos que perto ou longe torceram para que eu realizasse este sonho.
- Aos meus padrinhos Bruno e Irani, que sempre estiveram ao meu lado e patrocinaram a realização do meu sonho: a formatura.

***Agradeço à minha professora orientadora e amiga Maria Regina, a quem admiro muito. Obrigada pela sua grande contribuição à minha formação e por toda sua dedicação e carinho.***

*“O homem está constituído por uma mente  
que pensa, uma alma que sente e um corpo  
que expressa esse todo”.*

*Lola Brikman*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	viii
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2 ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES</b> .....	5
2.1 Primeiro ato: Dinâmica do bebê e abordagem do tema.....	5
2.2 Segundo ato: <i>Dança comigo?</i> .....	9
2.3 Terceiro ato: <i>A mímica trabalhando a comunicação do corpo</i> .....	11
2.4 Quarto ato: <i>Conhecendo o espaço e promovendo a afetividade</i> .....	12
2.5 Quinto ato: <i>Conhecendo seu próprio corpo</i> .....	13
2.6 Sexto ato: <i>Experiência coreográfica</i> .....	14
2.7 Sétimo ato: <i>O grande dia</i> .....	16
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	18
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	23
4.1 O Patriarcado: <i>a dominação masculina</i> .....	23
4.2 Meninos e Meninas: reflexões sobre as questões de gênero.....	26
4.3 A educação física escolar.....	31
4.4 A expressão corporal.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## RESUMO

### **Gênero e sexualidade: *uma experiência na escola***

Gênero e sexualidade: *uma experiência na escola* é meu trabalho de conclusão de curso que iniciou na disciplina de Prática de ensino no ano de 2006. Num primeiro momento observei quatro turmas do primeiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual do Paraná. Diagnosticuei em meus relatos de campo vários conflitos de gênero, os quais denominei “guerra dos sexos”. Diante disso elaborei, uma proposta de intervenção utilizando como tema a Expressão Corporal, pela experiência obtida em um projeto na UEM (Universidade Estadual de Maringá) que abordava tal temática. Com o apoio e aprovação da professora de educação física da turma realizei 07 intervenções no segundo semestre de 2006 e neste estudo relato minha experiência com análises do comportamento dos/as alunos/as nas aulas de Expressão Corporal sob a perspectiva de gênero/diferença sexual. O objetivo da proposta de trabalho foi o de refletir com alunos e alunas preconceitos sociais a respeito do próprio corpo, as relações entre eles e elas e, desafiá-los/as frente à perspectiva de aula de educação física diferenciada. Foi um trabalho em que tive resistência principalmente dos alunos, pois expressão corporal significa dança no senso comum e conseqüentemente dança é “coisa de menina”, uma atividade genereficada. Mas, foi uma experiência valiosa, pois com o decorrer das aulas consegui “quebrar alguns tabus” percebendo também um melhor relacionamento entre meninos e meninas.

Palavras-chave: gênero/sexualidade, educação física, expressão corporal.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar a experiência desenvolvida na disciplina de Prática de Ensino A e B, componente curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, ministradas por docentes do departamento de Teoria e Prática de Ensino do setor de Educação. Esta prática foi realizada no Colégio Estadual do Paraná, durante o ano de 2006.

No primeiro semestre, na Prática de Ensino A, realizei observações em quatro turmas do primeiro ano do Ensino Médio, onde analisei os sujeitos escolares, o que a instituição proporcionou para a formação do aluno/a, qual o espaço oferecido para as práticas corporais, etc. Através das observações efetuadas nas turmas, pautada na proposta de Alexandre Vaz (2002), a qual orientou o estágio supervisionado realizado no Colégio e que está fundamentada nos aspectos: da observação sistemática e a coleta de dados, investigação da estrutura física da escola, material disponível, política de captação de recursos humanos, financeiros, etc.

A problematização foi elaborada através das análises realizadas nas turmas observadas na Prática de Ensino "A", onde detectei problemas de estereótipos femininos e masculinos, presentes neste universo escolar. Com os relatos diários foi possível identificar que meninos e meninas viviam em uma constante "guerra dos sexos". Diante disso, elaborei sete aulas enfocadas na Expressão Corporal como uma possível forma de refletir em conjunto com alunos e alunas os problemas de gênero encontrados na turma. Utilizei o conteúdo da expressão corporal pois, quando iniciei meu curso de Educação Física na UEM (Universidade Estadual de Maringá) fiz parte de um projeto chamado "LALCO" (Laboratório da Linguagem Corporal) e neste grupo de estudos tive vivências práticas de como trabalhar a linguagem corporal. Com esta experiência durante minha vida acadêmica pensei numa forma de trabalhar estes problemas com os alunos/as.

Para tanto, desenvolvi as sete aulas tratando as seguintes questões: dinâmica com enfoque nas relações entre meninos e meninas; abordagem do tema expressão corporal; filme; comunicação não-verbal; percepção espacial e promoção da afetividade; auto-percepção corporal; montagem coreográfica e apresentação-espetáculo.

A partir dos relatórios das aulas, desenvolvi minha monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, com análise das situações conflitantes de gênero/sexualidade a partir de uma proposta de aulas de expressão corporal. As análises foram elaboradas a partir das temáticas de gênero, sexualidade e expressão corporal.

O presente estudo trouxe à luz questões sobre a educação física escolar, como vem sendo tratada e como muitos professores/as reforçam as atitudes preconceituosas no que se diz respeito à educação de meninos e meninas, a estereotipia de atividades, o sexismo, as questões de gênero que na maioria dos casos é um assunto ocultado no ambiente escolar.

Se ainda vivemos numa sociedade de exclusão é porque a escola também corrobora de certa forma com essa produção, lembrando que não é só a escola que muda a realidade, mas pode ser uma instituição importante no processo de mudança. E esta, deve ser um ambiente de construção e reflexão e, sobretudo, um ambiente que promova tais reflexões, onde a aceitação passiva de valores de exclusão, como o sexismo, precisa ser superada.

Existe um certo padrão de comportamento relacionado a cada classificação que nos é imposta, dependendo do grupo social ao qual pertencemos. Somos classificados e separados pelos mais diversos aspectos e esta classificação vem sendo ensinada, aprendida e praticada desde nossos primeiros momentos de contato com o mundo, disseminando o preconceito entre as pessoas considerando diferentes ou distantes do padrão estabelecido. Estamos separados entre os homens e as mulheres, entre os hetero e os homossexuais, entre os ricos e os pobres, entre os magros e os gordos, entre outras dualidades. Nessa separação identificamos seguramente uma relação vertical de hierarquia, favorecendo nesta dicotomia, quem está no degrau mais alto da hierarquia. Essas divisões e o seu acompanhante estado excludente, são produzidas e reproduzidas em todos os ambientes da sociedade.

Na escola, nas aulas de Educação Física, assistimos inúmeras vezes as divisões entre homens e mulheres de forma explícita, quando professores/as reforçam padrões discriminatórios de comportamento em seu discurso e ação docente. A escola, de forma geral, enquanto formadora dessa sociedade, vem

contribuindo para que perdure uma divisão sexista, permitindo a transmissão de valores discriminatórios.

A Educação Física, inserida neste ambiente, deixa-se envolver, principalmente pela sua história, nas práticas discriminatórias entre os sexos auxiliando a construir sujeitos masculinos e femininos. Nessa articulação, a construção do corpo masculino e do feminino é diferenciada, ou seja, se produz sujeitos “generificados”. Para Joan Scott (1995, p.75) gênero é “também utilizado para designar as relações sociais entre os sexos”. No entendimento da historiadora o uso do termo gênero rejeita de forma explícita, explicações biológicas para justificar o domínio de um sexo pelo outro. Esclarece também que o gênero é uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Joan Scott complementa seu ponto de vista argumentando que gênero é, “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado e oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens” (1995,p.75).

Desta forma, o gênero no espaço escolar se faz sentir nas aulas de Educação Física quando o/a professor/a estereotipa atividades ditas masculinas ou femininas.

Assim, a reflexão sobre essas questões se faz extremamente necessária e urgente, para vivenciarmos uma escola embasada em valores de respeito, justiça e igualdade entre as pessoas, sobrepondo os valores de preconceito, desigualdade e injustiça que estão presentes em nossa sociedade.

Neste sentido, o presente estudo se justifica, que pela experiência realizada na Escola, a dança, como trabalhei a expressão corporal com a turma do primeiro ano do Ensino Médio, pode ser vivenciada de diversas maneiras. Tal conteúdo foi imprescindível para a desconstrução de muitos preconceitos já trazidos pelos alunos/as durante a sua formação não somente escolar, mas social (ambiente familiar, círculo de amigos, etc.)

Reitero que a educação Física na escola não trata apenas da educação do corpo, mas de valores sociais importantes para a vida de cada aluno/a. Os docentes não estão na escola para buscar talentos ou treinar atletas, eles/elas estão lá para trabalhar com os/as alunos/as de forma reflexiva e pedagógica, de modo a acrescentar algo na vida de cada um, não apenas de conhecimento, mas de valores humanos.

Diante disso, o problema deste estudo esteve enfocado em analisar: como meninos e meninas vivenciam aulas de educação física com o tema expressão corporal?

As perguntas que nortearam o presente trabalho foram:

\*O significado do trabalho da expressão corporal nas aulas de educação física diante da formação desses alunos/as dentro da sociedade patriarcal.

\* Educação Física Escolar e as relações entre meninos e meninas.

## **2 ANÁLISE DAS AULAS**

### **2.1 PRIMEIRO ATO:**

#### **Dinâmica do bebê e abordagem do tema “Expressão Corporal”**

Com o incentivo da professora de Educação Física da turma, meu trabalho na Instituição teve um início mais tranquilo, principalmente da minha parte, pois era minha primeira experiência com alunos/as do Ensino Médio o que causava muita insegurança.

Quando apresentei minha proposta de ensino para a professora ela se interessou principalmente porque o Colégio Estadual do Paraná tinha uma abordagem diretamente para o esporte<sup>1</sup> e seria uma experiência diferente para o conhecimento dos alunos/as.

Antes de iniciar meus relatos e minhas análises gostaria de enfatizar, que tudo o que foi trabalhado com a turma não são receitas para serem aplicadas, o que não impede de ser trabalhado de acordo com o contexto escolar e os problemas que podem ser encontrados nas diferentes turmas.

No meu primeiro contato com a turma tive a impressão de olhares que me acolhiam e outros que me rejeitavam, devido ao fato de não me conhecerem e de saberem que eu ainda não era uma professora. Além da minha própria insegurança em atuar com a turma.

Para iniciar apliquei a dinâmica do bebê, para poder conhecer a turma e promover um momento de descontração. Pedi para que os alunos/as se posicionassem em um grande círculo, simulei segurar um bebê em meu colo, pedi para que esse bebê passasse nas mãos de cada um deles e que cada um ao segurá-lo escolhesse uma parte do corpo dele. Foi interessante observar como meninos e meninas se comportaram ao segurar esse bebê, foi bem visível a diferença. Talvez porque as meninas já são socializadas desde pequenas a se

---

<sup>1</sup> Esporte faz parte dos conteúdos abordados na educação física, ou melhor, predominantemente, o que acarreta uma dificuldade muito grande de se inserir nas aulas outros conteúdos diferenciados, visto que muitos professores desenvolvem seu trabalho dentro das escolas com a finalidade de formar atletas voltados para o esporte de rendimento.

adaptar ao ambiente doméstico (para serem esposas e mães) e na infância brincarem de bonecas. Já os meninos foi possível identificar a maneira grosseira e desajeitada por não saberem lidar ainda com a situação.

Os padrões para maternidade e paternidade, foram estudados por Marília Gomes de Carvalho (1992), que demonstra como as funções específicas de cada um dos sexos acontece na definição tradicionais dos papéis parentais. Isto é, o homem e a mulher em uma união (ou até mesmo em sua desunião) que tenham filhos, entendem que o homem-pai tem como principal função de *provedor*, o que coloca dentro da esfera pública, reconhecida como seu domínio. Da relação pai/filho tem-se ainda os papéis de autoridade e de lazer. Já a mulher-mãe tem como principal função o cuidado com o *bem-estar* dos filhos, no sentido de sua sobrevivência<sup>2</sup> e no sentido de seu *bem-estar* emocional, onde compete a ela dar-lhes carinho. Estas funções colocam-na na esfera privada, no caso, dentro da vida doméstica que representa o seu domínio.

Quando o bebê retornou às minhas mãos foi aí que expliquei a segunda parte da dinâmica, pois a mesma parte do corpo escolhida pelos alunos/as deveria ser beijada no colega da direita. Isso causou uma imensa resistência e muitos risos também, mostrando a reação dos alunos/as devido ao contato físico.

Uma aluna não queria beijar o colega ao lado porque tinha escolhido o bumbum do bebê, resultando em um completo desconforto por parte dela -pelo fato da sexualidade ser encarada como algo extremamente vergonhoso- Apesar da simplicidade do sexo, nossa sociedade, com seus tabus, não transmitem essa visão. O sexo aparece como algo vergonhoso, impuro, feio, proibido, e vários outros sinônimos totalmente opostos à *brincadeira* sobre a qual Rubem Alves (1999) denomina ser o sexo:

*Sexo é coisa muito simples. Eu explico os essenciais em poucas linhas. (...) Pra se entender o sexo há de se entender a música que ele toca. (...) A música que o corpo quer tocar se chama prazer. (...) Os instrumentos da orquestra-corpo são os seus órgãos. (...) todos têm uma utilidade. Além disso, esses mesmos órgãos e membros são lugares de prazer. (...) Entre os órgãos da orquestra-corpo estão os órgãos sexuais. Não há nada de especial que os distingua dos outros. Como os demais órgãos eles são fontes de prazer. Os prazeres do sexo são variados. Vai desde uma sensação muito suave que mais parece uma coceira de bicho-de-pé e que chega a provocar riso, até um prazer enorme, explosão vulcânica, que*

---

<sup>2</sup> Alimentar, limpar, vestir, medicar, socializar, etc.

*tem o nome de orgasmo, e que deixa aqueles que por ele passaram semimortos. (...) Mas eles anunciam o fim da brincadeira. (...) Complicados são os pensamentos dos seres humanos sobre ele (o sexo). Os homens por razões que não entendo, passaram a considerar o sexo uma coisa vergonhosa.*  
Rubem Alves<sup>3</sup>

Na maioria das vezes, as crianças/adolescentes são silenciadas para esse tema e induzidas a questionar e responder de acordo com o padrão de conduta e moral pré-estabelecidos. Entram no “jogo” e fazem perguntas do tipo que agradam ao adulto e, particularmente ao professor, porém fora do meio escolar e, entre elas, há uma busca por outras formas de conhecer as “verdades” sexuais que lhes possam responder às suas ansiedades e busca pelo contato efetivo com os outros de seu afeto.

Foi então que pensei em uma solução pedindo para que a aluna beijasse as costas do colega. Senti que naquele momento os/as alunos/as esperavam uma atitude da minha parte e por isso propus tal alternativa, mesmo sem saber se era correto ou não.

Um outro fato que me chamou a atenção, foi quando falei que eles/elas beijariam o colega ao lado, entretanto todos/as os/as alunos/as ficaram envergonhados/as e se mostraram resistentes a tal atitude. Foi quando percebi que eles/elas eram muito distantes entre si e não tinham nenhuma relação de afetividade e/ou intimidade. Neste momento as gargalhadas foram intensas mostrando a vergonha e o receio de se exporem na frente dos/as colegas e a rejeição em “pagar mico”. Incentivei a participação de todos/as começando a beijar a aluna que estava ao meu lado e assim todos/as foram passando este beijo e a dinâmica acabou por alcançar o objetivo de eu poder conhecer a turma e identificar alguns problemas de gênero.

Em seguida sentei com os/as alunos/as em círculo e conversei sobre o tema que seria abordado nas aulas que era a “expressão corporal”. As meninas tiveram uma reação positiva, talvez por se identificarem com a dança (não reforçando que expressão corporal é dança, mas no senso comum todos/as pensam que seja) e os meninos tiveram uma reação mais para o lado negativo por acharem que isso é coisa de menina. Isso podemos observar pela educação que meninos e meninas

---

<sup>3</sup> ALVES, Rubem. E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais. SP: Papirus, 1999.p.91 a 96.

tem a longo de suas vidas, as atividades são estereotipadas, dizem o que é de menina e o que é de menino, meninas brincam de boneca e meninos de carrinho, meninas jogam vôlei e meninos futebol.

Foi então que coloquei no meio do grande círculo um cartaz escrito expressão corporal, pedi para que cada um escrevesse o que aquela palavra significava para eles/elas.

Analisando a construção desse conhecimento, percebi que alguns/algumas representaram palavras ou frases que indicavam uma rejeição ao meu trabalho como: “Revolta”, “hahaha”, “RBD<sup>4</sup>”, “oi”, “risadas”, “ficar parado” e “nada”, isso se deu como forma de mostrar resistência por não me conhecerem e pensarem que minhas aulas não teriam nenhum valor para eles/elas.

Já outros escreveram com uma certa noção do meu trabalho: “movimento”, “mostrar o que pensa, seus sentimentos através de uma música com coreografia”, “ritmo”, “choro”, “harmonia”, “canto”, “mímica”, “teatro”, “ações”, “dança”, “expressar com o corpo os seus sentimentos”, “expressar o cotidiano”, “comunicação através do corpo”, “movimento do corpo com liberdade”, “interação com os outros”, “pular” e “liberdade”.

Foi significativa essa construção junto com os/as alunos/as porque depois que todos/as escreveram, nós conversamos sobre as palavras e frases que foram colocados no cartaz e isso fez com que eles/elas se expressassem. Uma aluna explicou porque tinha escrito revolta no cartaz, ela justificou que era muito tímida e não se sentiria à vontade de se expor na frente dos/as colegas. Apresentei meus objetivos à turma de ter realizado esta dinâmica, que era para analisar o conhecimento sobre o assunto e construir com eles/as o entendimento não apenas naquele momento, mas nas vivências que aconteceriam no decorrer das aulas, explicando também a todos/as que constranger alguém estava fora dos meus propósitos.

Outro aluno no decorrer da conversa disse que “dançar era coisa de menina” e que se tivesse dança ele não faria (estereotipia de atividade). Então disse a ele que a expressão corporal não era dança, mas que ao final do meu trabalho com a

---

<sup>4</sup> Grupo Mexicano de música pop, conhecido também como Rebeldes.

turma eles/as criariam uma coreografia com todos os elementos trabalhados em sala, relacionados à expressão corporal e ele veria que é bem diferente do que ele estava pensando.

Encerrando a aula percebi que alguns ficaram com uma expectativa positiva do meu trabalho e outros fizeram uma “carinha” de que não seria nada legal para eles/as (principalmente os meninos). E a professora deles acrescentou para a turma que aquela era uma oportunidade de vivenciarem algo diferente das aulas que eles/as estavam acostumados/as a ter no colégio.

## **2.2 SEGUNDO ATO:**

### **DANÇA COMIGO?**

Foi trabalhado com a turma o filme: “Dança Comigo?”, pois o mesmo trata a dança como forma de expressão corporal, que melhora da auto-estima, preconceito de si próprio perante a sociedade ou família, a correria do dia-a-dia, o stress, e a falta de tempo para fazer o que tem vontade e o que te faz bem, a superação de limites, busca de novos desafios, enfim, os benefícios da dança na vida das pessoas.

O filme conta a história de um rapaz casado, empresário, que todos os dias olhava para a janela de uma escola de dança de salão ao ir para casa, olhava sempre uma moça que todos os dias estava lá. Um certo dia ele resolve conhecer esta escola, e começa a fazer aulas de dança. O tempo passa, ele pega gosto pela dança, mas nunca conseguiu contar para a família sobre isso, pois ele tinha preconceito com ele mesmo e acreditava ser uma vergonha a família vê-lo dançar. Ele descobre que o colega de trabalho também dança nas noites disfarçado pelo mesmo motivo dele, a vergonha. A moça que o rapaz sempre via na janela da escola é aluna e ajudante da dona da escola, ela sempre olhava os homens como se procurassem a dança por causa dela, decepcionada com um parceiro de dança que a deixou por causa de um campeonato que não haviam ganho, ela simplesmente desacredita em tudo, até conhecer este rapaz, que a faz enxergar que a vida continua e que ela tem um potencial imenso para a dança. Ele participa de um

festival de dança de salão, onde não ganha pelo fato de ver a família dele presente no festival, tendo uma enorme chance de vencer pelo potencial que tinha pela dança. Enfim, a família acaba entendendo, ele não volta a dançar mas fez com que a moça voltasse a se interessar pela dança e fez com que o preconceito fosse quebrado perante família e amigos de trabalho.

Foi muito interessante a reação dos meninos com o ator que faz o papel principal, eles diziam que nunca seriam capazes de aprender daquela forma a dançar. Então perguntei a eles se tinham tanta certeza disso, se eles nem haviam tentado. As meninas encararam o filme pelo lado bonito da dança, já os meninos pelo lado preconceituoso, pois eles nunca fariam aquilo, entendendo a dança como prática apenas de mulheres e homossexuais.

O homossexualismo é visto pela maioria dos alunos como algo anormal, o professor tenta contornar dizendo que é uma orientação da pessoa, porém também acha errado o beijo em público, pois este é íntimo. Será que é porque ele é íntimo mesmo, ou porque é repugnante ou chocante? Os heterossexuais se beijam em público e isso não é questionado. Trazendo este tipo de questionamento para os alunos foi possível identificar tamanho preconceito que foi sendo construído ao longo da vida desses estudantes, tudo que foge à regra da sociedade (heterossexualismo) é considerado anormal.

Fátima do Valle Leitão e Iracema Soares de Sousa (1995) tratam da preocupação para o sexismo relacionado à dança. Isto é, o preconceito que gira em torno do homem que dança tem suas raízes nos modos conservadores de agir e pensar da sociedade patriarcal. As mesmas reconhecem que existem diferenças biológicas, “porém, não é por isso que deve haver segregação” (p. 251).

As autoras acima citadas, ressaltam que o papel da escola tem sustentado a discriminação, propagando concepções, “como por exemplo, ‘a menina nasce para bailar, ser dócil, doméstica e o homem para jogar, trabalhar e endurecer’, e ainda ‘...se meu filho for bailarino eu o deserdar’” (p. 250). O artigo aponta a transmissão de estereótipos através das gerações como um fator condicionante de comportamentos diferentes, e até opostos, entre meninos e meninas. Estes padrões são incorporados inicialmente à vida familiar, reforçados pela sociedade e pela escola, inclusive nas aulas de educação física. Contudo, mais importante, é que o artigo assinala que a

própria educação física como é um meio para tentarmos transformar estes modelos estabelecidos e para tanto, elege a dança como um dos caminhos possíveis.

Reafirmo que foi significativo trabalhar num primeiro momento o filme com eles/as pois com o mesmo pude levar vários tipos de questionamentos para a turma, sobre a dança, o preconceito, homossexualismo, etc.

### **3.3 TERCEIRO ATO:**

#### **A Mímica trabalhando a comunicação do corpo**

Nesta aula foi trabalhado a mímica de uma maneira diferente. Pedi para que cada aluno/a escrevesse em um pedaço de papel o nome de um filme. A turma toda trabalhou junto, pois era um dia de chuva e não foi possível sairmos da sala de aula.

Então aquele que havia escrito o filme não poderia falar na hora da turma tentar adivinhar. Foi bem interessante, no início ficaram com receio, mas como iam em duplas fazer a comunicação não-verbal não se importaram com a exposição, esqueceram por terem se envolvido na atividade.

A sala foi dividida em dois grupos mistos. Nesta aula não houve tantas surpresas, porém foi possível identificar que as meninas não se sentiam à vontade para a ação.

Ao final da aula, fiz um debate com os aluno/as sobre a dificuldade ao se expressar sem a fala. Muitos alunos/as se manifestaram, uma aluna disse que ao executar os movimentos sentia uma necessidade enorme de falar, pelo fato de estar acostumada a se utilizar desta comunicação no seu cotidiano, o que considerava mais fácil.

Foi uma aula descontraída, mas com o objetivo da turma vivenciar este tipo de comunicação que faz parte da expressão corporal, e como é importante vivenciar maneiras diferentes e construir conhecimento.

## 2.4 QUARTO ATO:

### Conhecendo o espaço e promovendo a afetividade

Com uma música calma, pedi para que os alunos/as circulassem pela sala, em diversas direções ( para frente, para trás, para os lados, na diagonal, em plano baixo...) Fiz algumas sugestões, mas cada um executava o movimento como quisesse. Depois pedi para que fizessem o mesmo com os olhos fechados e quando encostassem em alguém deveriam dar um abraço, objetivando a afetividade.

Lola Brikman (1989) enfatiza que a dimensão espacial pode ser sentida, percebida e explorada através do movimento corporal. Ela apresenta o espaço interior e exterior, o primeiro encerra todo o conteúdo da pele para dentro; é o âmbito de tudo o que acontece em seus espaços vazios e cheios; do volume e das dimensões lineares do corpo. E o segundo, compreende tudo o que está além da pele; é o âmbito do mundo físico circundante. (p.18)

Esta aula me deu a capacidade de perceber como cada aluno/a se comportou e o que chamou a atenção é que as meninas tinham mais facilidade e desinibição na execução dos movimentos do que os meninos.

A mesma autora citada acima, diz que as formas de movimento moldadas no espaço próprio é mobilizada por conteúdos imaginários que encontram seus canais de ressonância dentro do corpo e tornam possível pôr em marcha a imagem, o pensamento e o desejo. (p.19)

Observei que os meninos sentiam dificuldade, vergonha perante a turma, mas mesmo sendo pequeno desenvolvimento deles, cada um tentou dentro de seus limites participar da aula – o que tornou importante o interesse deles aos poucos –

Quando pedi para que abraçassem o colega quando se encostassem, as meninas com as meninas agiam naturalmente com gritos e abraços fortes, já quando encontravam meninos demonstraram bastante vergonha, timidez (o que é permitido e o que é vigiado, reprimido).

Os meninos quando encontravam meninas abraçavam forte (por eles), como uma coisa boa (o que é aceito) e quando encostavam em meninos era uma resistência grande, não abraçavam direito e isso quando abraçavam (o que é rejeito, o que afeta a sexualidade).

Um ponto importante nas teses de Michel Foucault (1990) é o questionamento da 'repressão' da sexualidade. Em contraponto à visão coercitiva, Foucault demonstra que a sociedade quer normatizar e controlar essa sexualidade, porém não a partir da repressão e sim a partir dos dispositivos saber/poder que controlam o conhecer para melhor controlar o poder. É a partir dessa ótica, que a sociedade incentiva o falar sobre a sexualidade para conhecer e controlar, Foucault denomina a isso de vontade de saber. Diante disso, é possível entender o comportamento dos adolescentes nesta aula, a sociedade vem impondo certos "valores" sobre a sexualidade para estes alunos/as que se refletem principalmente neste tipo de aula, onde é incentivado o contato físico, a afetividade.

## **2.5 QUINTO ATO:**

### **Conhecendo seu próprio corpo**

Nesta aula procurei trabalhar com a turma o relaxamento e o conhecimento do próprio corpo. Foi bem interessante observar os alunos/as durante a aula porque com o trabalho do relaxamento, consegui fazer com que cada um olhasse para o seu próprio corpo, prestasse a atenção em cada parte que forma esse corpo, em cada movimento, na respiração, consegui estimular o olhar para dentro de si.

A atividade foi aplicada de forma gradativa, ao início coloquei uma música com sons da natureza, pedi para que eles/as deitassem nos colchonetes e de olhos fechados executassem o que eu estaria pedindo a eles/as, mas da forma que quisessem, sem se preocupar com o que o colega ao lado estaria fazendo.

Pedi para que sentissem o corpo funcionar, começando pela respiração, desde a inspiração até a expiração, pedi que aos poucos eles/as movimentassem o corpo, começando pelos membros superiores até chegar aos inferiores, movimentos pausados e lentos para que eles conseguissem sentir cada movimento. Depois com uma música ainda de relaxamento pedi para que os alunos se movimentassem como quisessem, que sentissem a música e deixassem o corpo acompanhar.

Lola Brikman (1989) ressalta que cada pessoa é importantíssima, é preciso observar seu processo e ajudar seu desenvolvimento a partir dele, é mais valioso o próprio processo de desenvolvimento que o eventual resultado que se obtenha. Se o

movimento se produz com liberdade, está bem colocado e se cuida e se respeita a capacidade de manifestação corporal, o processo se enriquece e o resultado será sempre valioso, porque não se trata de chegar a uma particular forma única, mas às formas mais enriquecidas possíveis.

Foi bem significativo o trabalho desta aula porque a turma assimilou bem o objetivo da aula e percebi que os/as alunos/as realmente se concentraram naquilo que eu estava falando, poucos se preocuparam em olhar o que o colega estava fazendo e ao final conversamos sobre a vivência e uma aluna disse: *-Professora eu nunca tinha parado para prestar a atenção em meu corpo, foi muito bom, estou mais leve.-*

Foi gratificante perceber a satisfação dos/as alunos/as, pois poucas pessoas hoje em dia tem a oportunidade de parar em um determinado momento do dia para refletir sobre o funcionamento do seu próprio corpo e o quanto isso pode trazer benefícios na relação com a vida, além de promover a autonomia.

## **2.6 SEXTO ATO:**

### **Experiência coreográfica**

Foram duas aulas destinadas à elaboração da coreografia. Na primeira aula expliquei aos alunos/as como cada grupo faria essa elaboração, a turma foi dividida em sete grupos de seis alunos/as e os requisitos necessários para a avaliação da professora deles/as eram:

- Cada grupo deveria se caracterizar com um vestuário diferente, criativo.
- A montagem coreográfica seria com o auxílio das professoras (eu como estagiária e a professora de educação física).
- A coreografia deveria estar baseada nas aulas que eles vivenciaram no período em que estive com a turma, ou seja, deveriam utilizar movimentos ligados à expressão corporal.

Esta foi uma forma de poder avaliar a turma e observar o aprendizado da mesma em relação às minhas aulas, mas a professora precisou falar que seria a nota do bimestre para que eles/as participassem sem reclamar.

Quando eu explicava como seria a montagem coreográfica, com música, com grupos mistos, uma aluna me perguntou como seria esta apresentação, se eles/elas teriam que apresentar para os colegas da classe também. Então, disse à ela que sim, que todos/as estariam apresentando para a turma de modo que ao final a gente fizesse um debate sobre a vivência deles/as nas minhas aulas.

Muitos percebi que reprovavam minha idéia, porque sentiam vergonha em se expor na frente dos/das colegas (o que já trouxe em discussão a análise anterior).

O que foi interessante observar nestas duas aulas onde os/as alunos/as tiveram espaço para a criação da coreografia é que a maioria das meninas eram líderes dos seus grupos, aceitavam as idéias dos colegas, mas elas é que decidiam o que seria ou não feito na apresentação. Talvez pelo fato das meninas terem mais familiaridade com a dança ou terem aproveitado mais as minhas aulas.

Os meninos eu percebia que não se importavam muito, pois o que as meninas decidiam para eles estava ótimo. Era visível o desinteresse da maioria dos meninos em relação ao trabalho final.

Nessas duas aulas assessoriei os grupos, tirei dúvidas, incentivei a criatividade, dei algumas idéias e deixei a critério deles/delas a escolha da música, os movimentos que seriam executados, etc.

Sobre Criatividade, que é um elemento fundamental para a construção em grupo, Lola Brikman (1989) afirma que “a imaginação colocada na realidade mobiliza uma atitude de busca criativa, isso se consegue percorrendo o caminho que vai do presente para ausente; dirigindo-se ao que não é mas que pode ser, tornando realizável o irrealizado, construindo uma ponte entre o mundo mediato da realidade imaginária e o mundo das realidades concretas imediatas”. Sem elaboração do imaginário não há trabalho criativo, e na expressão corporal o que importa é a experiência de elaboração da tríade: mundo imaginário-movimento corporal- ação.

Na segunda aula fizemos um ensaio geral, pois na aula anterior disse à turma que eles/as deveriam se reunir fora do horário de aula para terminar o trabalho, pois duas aulas seria pouco para isso. Então, cada grupo me mostrou o que já havia preparado e auxiliei dizendo que estava bom e o que seria necessário modificar. Nesta aula percebi que os/as alunos/as estavam realmente empenhados com o trabalho final, cada grupo com uma idéia diferente, com músicas diferentes o que enriqueceu e deu autonomia a cada um/uma deles/delas.

## 2.7 SÉTIMO ATO

### O grande dia

Ao entrar no colégio percebi a euforia dos alunos/as, correram até mim perguntando aonde seriam as apresentações, quem seriam os primeiros, etc.

Foi importante observar o comportamento de muitos alunos/as em relação à apresentação, pois eles estavam com muita expectativa, estavam eufóricos e nervosos.

Entramos em uma sala e pedi para que a turma se sentasse para que pudéssemos conversar um pouco antes de iniciar as apresentações. Então, comecei a acalmá-los/as já que esta apresentação não precisaria de perfeição, que eu estaria levando em conta alguns erros que poderiam resultar do nervosismo deles/as, pois a minha proposta seria uma forma de poder avaliar a turma mas que eles/as não se preocupassem.

Então fizemos o sorteio da seqüência dos grupos para a apresentação, o primeiro grupo foi bem interessante e ao mesmo tempo uma réplica da mídia. Era um grupo que tinha mais garotas do que garotos, eles/elas utilizaram uma música de uma artista pop famosa, mas infelizmente utilizaram movimentos estereotipados da mídia, mesmo sendo uma música que estivesse no auge das rádios eles/elas poderiam ter explorado de uma forma mais criativa, mais autônoma.

O segundo grupo utilizou uma música dos anos 80, todos de roupa preta, utilizaram movimentos rápidos e lentos, explorando todo o corpo e de forma simultânea e alternada, ora faziam movimentos iguais e ora todos diferentes. Este grupo realmente demonstrou ter entendido o objetivo da proposta, ficou muito rica a apresentação deles.

O terceiro e o quarto grupo não apresentaram porque faltaram integrantes da equipe e os cds das músicas não estavam com eles/as.

O quinto grupo utilizou uma música de Charles Chaplin e fizeram movimentos utilizando mímica (um dos elementos trabalhados em aula), foi muito diferente a apresentação deles/as pois eles interagem com a platéia (colegas da sala), simulando entregar uma flor nas mãos de alguém, mandavam beijos, foi muito criativo.

O sexto grupo utilizou uma música de capoeira junto com música popular brasileira, acredito que tenha sido uma montagem, ficou diferente dos outros grupos também pelo fato de terem misturado movimentos de capoeira com movimentos criados por eles/as, exploraram muito bem o espaço e o corpo.

E por fim o último grupo utilizou uma música instrumental, onde usaram lenços e roupas claras, encenando o paraíso, com movimentos leves, suaves, ora iguais, ora diferentes, foram bem criativos também.

Ao final conversamos sobre as aulas, os/as alunos/as expuseram suas opiniões, falaram o que foi significativo e o que não foi, enfim conversamos sobre a minha prática e o que eu tinha acrescentado no aprendizado deles/as.

Foi uma pena que eu não tive um tempo mais longo para trabalhar com a turma, pois foi um trabalho rápido, mas que me acrescentou muito sendo minha primeira experiência com o Ensino Médio.

### 3 METODOLOGIA

Utilizei um estudo de caso qualitativo, onde no âmbito educativo pode ser definido como um processo de descrição e análise de algo em termos complexo e compreensivo que se desenvolve durante um período de tempo. Para Martinez Bonafé, citado por Rosane Molina (1999), o estudo de caso provém, em parte, de tradições investigadoras que se centram na observação e no aprofundamento de situações concretas para obter um conhecimento exaustivo e qualitativo de fenômenos, fatos e problemas. Por outro lado, diz o mesmo autor, que este provém de um determinado enfoque teórico que faz referência o “quê” e “como” deve fazer-se uma investigação e, ao mesmo tempo, compromete o investigador/a, em seu papel interativo com as pessoas investigadas. Isto é, não se mantém asséptico ou neutro. Esse papel interativo ou de comprometimento, Augusto Triviños também citado por Rosane Molina (1999), aponta como sendo uma característica do estudo de caso qualitativo pois, sem dúvida exige maior implicação do/a investigador/a no processo.

Este estudo foi desenvolvido no Colégio Estadual do Paraná, onde primeiramente realizei observações com as turmas do primeiro ano do Ensino Médio. A observação é um instrumento valioso na pesquisa qualitativa, Airton Negrine (1998) diz que o fundamento básico para definir o tipo de observação a ser utilizada no processo investigatório vai depender da problematização e dos objetivos do estudo. Neste caso, procurei primeiramente observar os/as alunos/as e os conflitos gerados em aulas de educação física, investiguei principalmente os sujeitos escolares, de acordo com a proposta de Alexandre Vaz (2002), a qual orientou o estágio supervisionado que foi fundamentada nos seguintes aspectos: observação sistemática e a coleta de dados, investigação da estrutura física da escola, material disponível, política de captação de recursos humanos, financeiros, etc.

Diante disso, elaborei um memorial descritivo de todas as aulas observadas (um diário de campo), onde relatei os acontecimentos, o perfil dos sujeitos escolares e os problemas encontrados nas turmas. Ao memorial descritivo Airton Negrine (1998) define como sendo “*um instrumento de coleta de informações, que é utilizado para a análise de depoimentos registrados de situações vivenciadas*”.

O passo posterior à observação foi diagnosticar as mesmas e elaborar uma proposta de intervenção com a turma, onde fundamentei na Expressão Corporal por já ter vivenciado a temática em um projeto na Universidade Estadual de Maringá (UEM)<sup>5</sup>.

A proposta não pôde ser desenvolvida com as quatro turmas do primeiro ano do Ensino Médio (turmas que realizei as observações), pois no dia em que eu estava na escola apenas uma turma tinha horário compatível com o meu. Foram desenvolvidas sete aulas, com conteúdos envolvidos na temática da Expressão Corporal, de modo a refletir com alunos e alunas alguns problemas de gênero encontrados na turma.

Por fim, diante desse trabalho desenvolvido na disciplina de Prática de Ensino (que faz parte do currículo do curso de licenciatura em Educação Física), resolvi me aprofundar nas questões de gênero e sexualidade, para analisar estas sete aulas, os conflitos surgidos diante das temáticas de modo a refletir além do meu trabalho alguns problemas encontrados na Educação Física Escolar.

Para buscar expandir minhas observações no Colégio onde realizei a presente investigação, procurei analisar mais profundamente o estabelecimento de ensino. O Colégio Estadual do Paraná foi criado quando Curitiba se constituía ainda na 5ª Comarca da Província de São Paulo, em 1846, localizando-se hoje, na Avenida João Gualberto, 250, entre as ruas Luiz Leão, Padre Antonio e Avenida Agostinho Leão Junior.

Analisando os objetivos do Colégio em relação aos educandos, este buscava: “O desenvolvimento das potencialidades do educando, o preparo para o exercício da cidadania, bem como a preparação básica para o trabalho.” (SAVIANI, 2000, p.91).

O Setor da Educação Física contava com uma equipe de professores, alguns há muitos anos trabalhavam no estabelecimento de ensino, contribuindo para a formação dos/as educandos/as.

O ambiente escolar na área de Educação Física contava com duas quadras poli esportivas, um ginásio de esportes coberto, pista de atletismo, duas piscinas olímpicas, sala de xadrez, sala de tênis de mesa e uma sala para a prática da GRD.

---

<sup>5</sup> Universidade Estadual de Maringá- onde iniciei meu curso de Licenciatura em Educação Física.

O acervo de materiais que o Colégio disponibilizava para o trabalho dos professores e alunos/as era bem conservado e em grande quantidade, possibilitando assim aos professores um trabalho mais elaborado e com uso desses materiais.

No que se diz respeito às práticas corporais o colégio oferecia aos alunos/as treinos de: Atletismo, Basquete, Futebol, Ginástica Rítmica Desportiva, Handebol, Natação, Voleibol, Xadrez, Tênis de mesa e Musculação.

O estabelecimento oferecia aos alunos/as várias possibilidades de práticas corporais, voltadas principalmente ao Esporte, onde o próprio Colégio tinha uma trajetória histórica de competições, troféus, etc. E incentivavam os/as alunos/as aos treinos para as competições que são realizadas dentro e fora de Curitiba.

Além destas práticas corporais, o estabelecimento oferecia aos alunos/as vários laboratórios e projetos internos como o 1)Centro de Línguas (CELICEP), que era o órgão ao qual competia a execução de atividades extracurriculares do ensino de línguas estrangeiras aos alunos/as e comunidade, 2)Escolinha de Arte (criada em 1957), que oferecia ao educando a oportunidade de desenvolver a atividade artística que mais apreciava, além de promover atividades curriculares, extra-classe e complementares como alternativa para uma prática escolar mais dinâmica, enfatizando a livre expressão e criatividade do aluno/a, 3)Grêmio Estudantil (fundado em 1951, sendo um dos mais antigos do país), projeto com realização de várias palestras multiáreas com profissionais do mercado e outros eventos além de ter sido composto pelo corpo discente,4)Museu (inaugurado em 1985), guardava um acervo com muitos objetos, equipamentos, fotografias, filmes, discos, móveis conservados da antiga sede e centenas de troféus e medalhas conquistados ao longo dos anos. Há ainda certidões de matrículas de alunos famosos como: Ari Fontoura, Jânio Quadros, Paulo Leminski, Roberto Requião e outros,5)Observatório Astronômico e Planetário que tinha a finalidade de estimular e desenvolver atividades extracurriculares que visassem a ampliação do conhecimento de Astronomia, oferecendo sessões para os alunos/as do Colégio, para outras escolas e a comunidade em geral,6)Laboratório de Informática, setor encarregado de assuntos referentes à informática pedagógica e administrativa do Colégio Estadual do Paraná,7)Setor Odontológico, que fazia o atendimento profilático e terapêutico aos alunos/as matriculados e funcionários/as do CEP,8)Concurso de Declamações de Poesias realizado pela coordenação de Língua Portuguesa e Literatura, onde este

faz parte do Projeto “Sedução e linguagem poética” que tinha por objetivo fazer com que o estudante se voltasse à poesia e crie o hábito de ler, 9) Projeto Juventude em Ação realizado pelo Hospital de Clínicas, coordenado por uma profa de Educação Física, tendo como objetivo a responsabilidade social, trabalhando com os alunos/as do terceiro ano do ensino médio, com visitas quinzenais; a GRUTA peça de teatro composto por dezesseis adolescentes entre alunos/as e comunidade e a 10) Bandinha Rítmica (atual banda musical Bento Mossurunga, criada em 1959).

A minha proposta para a intervenção foi:

*Aos que desprezam o corpo, quero dar meu parecer. O que devem fazer não é mudar de preceito, mas simplesmente despedirem-se do seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos. [...] Tudo é corpo e nada mais; a alma é simplesmente o nome de qualquer coisa do corpo. O corpo é uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. [...] Quero dizer uma coisa aos que menosprezam o corpo: desprezam aquilo a que devem a sua estima (NIETZSCHE, 2000, p. 51).*

Diante das observações no Colégio Estadual do Paraná com as turmas do primeiro ano do Ensino Médio, com o diagnóstico feito com todos os dados que foram recolhidos, o que propus para estas turmas foi o trabalho com a Expressão Corporal.

O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos. No entanto, há um preconceito contra o movimento.

Embora conscientes de que o corpo é o veículo através do qual o indivíduo se expressa, o movimento corporal humano acaba ficando dentro da escola, restrito a momentos precisos como as aulas de educação física. Nas demais atividades em sala, o sujeito deve permanecer sentado em sua cadeira, em silêncio e olhando para frente.

A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresentam um caráter competitivo, comumente presente nos jogos desportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser

compartilhadas com outras crianças ou adolescentes que participam de uma coreografia de grupo.

A educação corporal não é de responsabilidade exclusiva das aulas de educação física, nem de dança ou de expressão corporal. O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo de uma forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo.

E a proposta de intervenção citada acima pode ser uma maneira de atuar na forma como Kunz(1994) enfatiza que a emancipação é entendida como o processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e todo o seu agir social, cultural e esportivo que se desenvolve pela educação, fazendo com que o aluno/a possa vivenciar atividades corporais trabalhando também as capacidades de tomadas de decisões, trabalho individual e em grupo.

Por isso, desenvolvi esta proposta baseada na Expressão Corporal para que adolescentes pudessem refletir os problemas observados dentro da Escola entre os sujeitos Escolares, como a questão de gênero, os/as alunos/as se separavam nas aulas, e trabalhando a expressão corporal poderia existir a aproximação de todos, o trabalho em equipe (com a formação de atividades que visassem este trabalho em grupo) durante as aulas, o desenvolvimento da consciência corporal (individual) além das trocas de experiências nas atividades em grupo, indo contra esse egoísmo e individualismo existente entre as pessoas como consequência da Sociedade Capitalista em que estamos inseridos atualmente.

Poderia ser trabalhado atividades com dinâmicas, com algumas temáticas importantes para a formação desses discentes como sexualidade, preconceito, afetividade, etc.

Como também poderiam ser trabalhadas atividades que despertasse o senso criativo dos/as alunos/as tanto individualmente como em grupos, trazendo algumas reflexões para serem discutidas através de conflitos gerados nessas aulas, além de desenvolver a auto-estima e capacidade de realização dos/as alunos/as, finalizando com uma montagem coreográfica com movimentos livres e criados pelos/as próprios/as alunos/as.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 O PATRIARCADO: a dominação masculina e a relação com gênero.

Para iniciar o presente estudo optei por começar pelo Patriarcado, pois este vem influenciando comportamentos e a sociedade como um todo, tendo o “masculino” como modelo a ser seguido.

Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Um setor dos estudos feministas atuais tende, aliás, a quantificar estes privilégios e a mostrar concretamente os efeitos da dominação masculina. A opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico nos quais as desigualdades vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens (Daniel Welzer-Lang, 1994).

Este autor trata – assim como Nicole- Claude Mathieu (1985) dos efeitos diferenciados que produz a dominação masculina sobre a consciência, a percepção e o conhecimento do social; nos textos de Maurice Godeller (1982) mostra como a dominação masculina está subentendida por segredos coletivos que dividem os dominantes, o simbólico que atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor. (*idem*, 1994)

As relações de gênero são fundamentadas na discriminação da mulher como categoria dominada a partir do estabelecimento do patriarcado, em consequência da divisão biológica do trabalho. De modo que o patriarcado instituiu normas de conduta bastante distintas para homens e mulheres, com a imposição da submissão dessas àqueles.

Segundo Rose Muraro (1997) o patriarcado teve uma origem gradual e lenta com o objetivo de fazer da dominação masculina um fato “natural” e biológico. Inicialmente as sociedades possuíam laços fracos de dominação, desenvolvendo-se através de laços fortes entre mães e filhos, principalmente filhas, sendo os homens elementos periféricos e instáveis no grupo. Os laços mais fortes que estes possuíam eram com os elementos do seu próprio sexo e os filhos homens dentro da descendência matrilinear. A maior parte dos trabalhos eram feitos pelas mulheres

(como é até hoje, muitas mulheres trabalham fora e cuidam do seu trabalho e da casa). Elas se responsabilizam por seus filhos e, por extensão, pelo grupo inteiro. As mulheres proviam o alimento e os homens faziam as tarefas mais pesadas, como a caça, a pesca e a limpeza das terras aráveis. Contudo, os homens tinham mais tempo livre do que as mulheres, o que os fez desenvolver suas armas e inventar cultos específicos para o sexo masculino, dos quais excluía as mulheres.

Nas culturas patriarcais as mulheres são associadas à sedução, à traição e à condução dos homens para caminhos que levam à derrota e à morte. No decorrer dos séculos e milênios, a partir do medo da força genesíaca da mulher, foi fácil formar uma identidade<sup>6</sup> masculina baseada na maior capacidade intelectual dos homens em relação às mulheres para controlar a natureza e inventar novas tecnologias, na maior força física para prover alimentos e defesa para os grupos, na maior agressividade para vencer as guerras. O domínio público e da história foi reservado a princípio ao masculino, enquanto o princípio feminino circunscreveu-se ao domínio da casa, do privado e da reprodução (existem muitas mulheres que até hoje vivem assim e socializam suas filhas para seguirem o mesmo caminho).

O que a autora enfatiza acima é o que até hoje acontece, podemos perceber na sociedade, já que as mulheres trabalham fora e dentro de casa, são elas que cuidam da casa, dos filhos e do marido. Além do trabalho externo elas cuidam do ambiente familiar, gerando desse modo a dupla ou até mesmo a tripla jornada de trabalho.

Foi assim que aos poucos a personalidade feminina foi se moldando, a mulher introjetou a inferioridade, traduzida em dependência psicológica em relação aos homens, em tendências masoquistas - como sentir prazer em humilhações e sofrimentos – em um narcisismo ferido, em frigidez e carência sexual, que ela compensou na relação afetiva com os filhos, principalmente com filhos homens.

Rose Muraro (1997), aborda que no texto mais importante do Patriarcado: O *Gênese*, foi através dela que o homem reservou para si a capacidade de dominar a natureza, de parir a mulher e de culpá-la pela origem de todos os males em razão de sua transgressão à lei do Pai.

---

<sup>6</sup> A identidade é construída ao longo de nossas vidas e inter-relacionadas a outras pertinências.

Neste texto, – *Gênese* – a mulher leva o homem a enfrentar a ameaça de morte feita por Deus Pai. Isto lembra o que acontece na fase edipiana da criança, quando o menino enfrenta a morte imaginariamente para ficar com a mãe, e se quiser viver terá que renunciar a ela. Na *Gênese* está escrito: porque Adão preferiu a mulher, foi simbolicamente morto pelo Pai. Daí a mensagem de que a mulher é tentadora, destrutiva e que desestabiliza as relações do homem com Deus.

A autora aborda que o sistema competitivo Patriarcal capitalista que fascina o mundo inteiro é um sistema polarizante, isto é, faz os ricos ficarem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Esse sistema não pode viver sem vastas regiões e populações para explorar, tais como os países em desenvolvimento, onde são montados todos os esquemas em plano individual e coletivo que perpetuam essa exploração, como os preconceitos culturais, econômicos e os estereótipos em relação às mulheres.

Robert Connel (1995) define a masculinidade como uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Neste contexto, o gênero é definido como um tipo especial de prática, como reprodução e não como produção social, sendo que as produções masculinas são construídas na esfera do processo de moldagem das masculinidades da classe média, no local do mercado de trabalho, nas organizações e no sistema político.

Do mesmo modo que Joan Scott, Robert Connel (1995) acredita que o gênero é uma estrutura complexa que vai muito além das interações de homens e mulheres, das dicotomias dos “papéis de sexo” ou da biologia reprodutiva, pois engloba a economia, o estado e a família.

Para o autor, todas as formas de política de masculinidade envolvem uma relação com o feminismo, seja de rejeição, co-existência cautelosa ou de apoio caloroso. Existem divisões de interesses entre os homens no que diz respeito às questões de gênero, mas nem todos são egoístas podendo ser relacionais. Deste modo, a maioria dos homens tem interesses relacionais partilhados com mulheres particulares, como no caso de pais que necessitam de creches e de bons serviços de saúde para seus filhos.

Robert Connel (1995, p.205) sintetiza com estas palavras as perspectivas almejadas pelas mulheres e pelos homens que não seguem o modelo vigente:

“[...] Uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la. No dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornar comuns, aí saberemos que estamos realmente chegando a algum lugar [...]”.

#### 4.2 Meninos e meninas: *reflexões sobre as questões de gênero*

Utilizo o nome dos autores e autoras para dar visibilidade às mulheres como sujeito do conhecimento (Guacira Louro, pág. 18 e 19)

Neste apartado trato das questões de gênero, que foram problemas que encontrei durante minhas observações no Colégio Estadual do Paraná onde meninos e meninas viviam em uma constante “guerra de sexos”.

Gênero é entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, ou, como conceitua Joan Scott (1995, p. 89) “... é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que ”fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana.”

Na visão da autora, o gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Destaca, ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas.

Daí a importância da identidade subjetiva do gênero e de examinarmos as formas pelas quais as identidades generificadas são construídas, relacionando-as com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas. Todos estes aspectos podem ser relacionados à classe, raça, etnia ou qualquer processo social, pois devemos analisar os efeitos do gênero nas relações sociais e institucionais.

De acordo com Maria Matos (2000, p.05):

“... Na realidade existem muitos gêneros, muitos “femininos” e “masculinos”, e esforços vêm sendo feitos no sentido de se conhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração, religião e ocupação devem ser ponderados e inter cruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas...”

Dessa maneira, a ênfase dada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1995) lembra que o mundo social constrói o corpo por meio de um trabalho permanente de formação e imprime nele um programa de percepção, de apreciação e de ação. Nesse processo, as diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação.

Essas idéias são reforçadas por Susan Bordo (1997), ao afirmar que:

“... por meio da organização e da regulamentação de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade”.(p20)

Se os corpos assumem a organização social, a política e as normas religiosas e culturais, também são por seu intermédio que se expressam as estruturas sociais. Assim, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo (Robert Connel, 1990). Portanto, o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica - no processo ensino e aprendizagem de valores<sup>7</sup>.

Nesse sentido, praticamente, o movimento corporal é distinto para cada um dos dois sexos:

“o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme, o uso das mãos, o posicionamento das pernas ao

---

<sup>7</sup> Palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resolutivo- expressões muito masculinas e positivas.

sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para outro sexo”. (Guacira Louro 1992, p. 58-59)

O que a autora enfatiza podemos observar no nosso cotidiano, como as pessoas se comportam e agem sendo homens e mulheres.

Como a idéia de gênero está fundada na construção social que leva em conta ou que está fundada nas diferenças biológicas entre os sexos, esta aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Assim, gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência. Além disso, relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos/as de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados/as de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de Educação Física, sejam estas ministradas para turmas do mesmo sexo ou não e muitas vezes os próprios alunos/as “rotulam-se”: como o/a mais “anta”<sup>8</sup>, o/a “gordinho/a”, o/a “magrelo/a”, etc. E isso implica em muitos problemas nas aulas de educação física e se o/a professor/a não souber trabalhar isso o gênero/sexualidade com a turma ele/a poderá reforçar ainda mais estas discriminações ou naturalizações.

Para Guacira Louro (1997) na oposição binária, homens/mulheres, não são questionadas as diferenças no interior de cada pólo e, ao opormos homem/mulher estamos lidando com categorias essencializadas e ignorando as profundas distinções que existem entre os homens e as mulheres. Assim, quando analisamos os papéis femininos na sociedade, não devemos colocar em oposição homens e mulheres, mas refletir sobre a predominância do gênero masculino sobre o gênero feminino, pois um pólo não apenas depende do outro, mas, em certa medida, também contém o outro, de modo reprimido, desviado. As interdependências desses termos deveriam ser entendidas como indicação de que um deriva seu sentido do outro e que essa oposição é construída e não inerente.

Porém, a perspectiva da diferença sexual diz que homens e mulheres não são iguais primeiramente em relação ao sexo e, com base neste primeiro aspecto

---

<sup>8</sup> Jocimar Daolio em seu estudo sobre: A construção do corpo feminino ou risco de transformar meninas em “antas”. O autor diz que a socialização das meninas se constitui num processo de antalização enquanto os meninos se tornam trogloditas. A conscientização é condição necessária, mas não basta.

fundamental, somos socializados/as de maneira completamente diferente. Cada indivíduo tem características mais ou menos afastadas do modelo e, sobretudo, experiências próprias distinguindo-se uns dos outros.

No feminismo da diferença sexual segundo Luce Irigaray (1994, p.182): "...a diferença entre o homem e a mulher é uma diferença de ser, uma diferença entre dois mundos, que resiste a toda estimativa quantitativa. O homem e a mulher são irreduzíveis um ao outro, e a diferença entre eles é inquantificável, incalculável, inapropriada."

Entretanto, Joan Scott (1995) apresenta que os termos "sexos" e "diferenças sexuais" rejeitam explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina<sup>9</sup>.

Na perspectiva da diferença sexual<sup>10</sup> há uma valorização em positivo das características ditas femininas, como por exemplo: as mulheres têm a capacidade para dar à luz e o homem tem uma força muscular superior, o que gera conflitos entre meninos e meninas. Contudo, a teoria da diferença sexual teoriza em positivo as características ditas femininas como dar a luz, cuidar, etc. para construir a ordem simbólica feminina.

Podemos dizer que em nossa sociedade fomos condicionados a ter uma visão reducionista e dicotômica, como nos conceitos de bem e mal, teoria e prática, ciência e ideologia. As questões de gênero não fogem à regra, uma vez que em cada cultura espera-se de homens e mulheres comportamentos diferentes logo ao nascer, instaurando e determinando aquilo que chamamos de "papéis" e a distinção de dois universos: o masculino e o feminino.

É por esta razão que no seio familiar o nascimento de um menino tem um significado muito diferente do nascimento de uma menina, pois o pai e a mãe possuem expectativas diferentes para cada um dos sexos, delineando comportamentos diferenciados ao longo de suas vidas e mantendo um círculo vicioso<sup>11</sup>.

---

9 Perspectiva de gênero: com visão Patriarcal

10 A diferença sexual se refere ao simbólico, ao sentido de ser mulher.

11 E isso é possível observar como uma mãe educa um filho e uma filha, como é diferente a educação para um e para outro.

Entretanto, o feminismo da diferença sexual, significa indagar que a especificidade e parcialidade feminina deve ser representada no mundo e inaugurada em cada uma das mulheres. Por exemplo: a feminilização no mundo da educação é uma demonstração positiva da incorporação da mulher no mundo do trabalho, ou seja, uma riqueza, que marca o gosto das mulheres por tarefas sociabilizadoras, de atenção, de cuidado e de cura do outro e que muitas vezes é desconsiderada por nós mesmas devido a sua desvalorização no mundo patriarcal e da própria perspectiva de gênero que tem como referente o masculino.

Luce Irigaray em 1977 afirma: “o mundo é um e o sexo são dois, os sexos ou os gêneros são dois, sem primeiros nem segundos.” A diferença sexual, feminina e masculina leva incorporado o corpo-sexuado como significativo elemento fundamental para a significação do mundo.

Na perspectiva da diferença sexual a mulher não se define em relação ao homem. Nossa consciência se centra em nossa luta como na nossa liberdade. O homem não é um modelo ao qual devemos adequar o nosso descobrimento, isto é, o conhecimento de si mesmas. Penso que se a mulher é o outro com relação ao homem, o homem é o outro em relação a mulher. Contudo, no pensamento androcêntrico a mulher é sempre o outro.

Segundo Lia Cigarini (1995) a liberdade lhe corresponde por causa de seu ser mulher e não a pesar de seu sexo. Denominar com palavras novas, ou em feminino o mundo, é fazer um corte na realidade para dizer o que existe, mas que ainda não se deixa ver mais explicitamente porque as palavras outras ou neutras continuam ocupando o lugar disponível na nossa experiência e no nosso pensamento.

Portanto, faço minha crítica ao que se refere ao gênero, pois homens e mulheres são diferentes e não desiguais, o homem não é um modelo a ser seguido e muito menos são superiores às mulheres. Muito embora a ciência e política, os meios de comunicação, família, a igreja, etc. se esforcem para perpetuar a relação desigual entre homens e mulheres.

### 4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A prática pedagógica da Educação Física nas escolas ao longo do tempo, vem desenvolvendo atuações autoritárias e fragmentadas, comprometendo a formação dos educandos e das educandas, impedindo a atuação mais participativa e crítica no decorrer das aulas. Fazendo com que estas tenham sinônimo de prática de jogos pré-desportivos com função quase que exclusiva de preparo para prática do desporto institucionalizado. E é em função disto que a Educação física vem sendo tratada como atividade e não como disciplina. (Amauri Oliveira, 1992).

Este mesmo autor relata como a Educação Física é trabalhada em todas as séries da educação básica. De primeira a quarta série são atividades predominantemente recreativas, de quinta a oitava série começa o trabalho rumo à formação de futuros atletas e no ensino médio vigora a palavra aprimoramento, onde ocorrem muitas exclusões daqueles e daquelas que não assimilaram o aprendizado, pois há na realidade uma exacerbação ao aperfeiçoamento dos melhores. Estes mesmos alunos/as quando chegam ao nível superior sentem dificuldades no aprendizado para retornarem à escola, mas agora como profissionais da área. Sobre isso Amauri Oliveira diz que:

“[...] O papel a ser desempenhado pelo professor de Educação Física na escola não é o de treinador a caça de talentos e nem tão pouco o de simples marionete a serviço da elite. Pelo contrário, temos um papel significativo na formação integral dos participantes do processo educacional com uma contribuição significativa na transmissão e produção de conhecimento sobre as muitas manifestações da cultura do movimento, sobre as diversas possibilidades de práticas físicas permanentes, sobre a utilização e manipulação do desporto frente a interesses dominantes sobre o modismo e, principalmente, sobre o entendimento e valorização do nosso mundo de movimento, sem a necessidade de uma adaptação constante deste mundo de movimento ao do desporto institucionalizado [...]” (1992, p.13)

Jocimar Daolio (1995) defende que devemos buscar a pluralidade na Educação Física Escolar: “... a Educação Física Plural parte do pressuposto que os alunos são diferentes, recusando o binômio igualdade/desigualdade para compará-los. Sendo eles diferentes e tendo a aula que alcançar todos os alunos, alguns padrões de aula

terão que, necessariamente, ser reavaliados. Parece que é o que vem acontecendo com as aulas mistas. Os professores, não sem dificuldades, têm lidado com as diferenças entre meninos e meninas.” (p.40).

Um fato comum nas aulas é a exclusão daqueles que não possuem boa aptidão em certas práticas e o treinamento daqueles que possuem. George Snyders (1988) enfatiza: “... *Não considere seus alunos tolos...*”. É muito importante este alerta aos professores/as, pois os/as alunos/as não gostam de coisas fáceis, óbvias. Como observa Mauro Betti (1995), em sua pesquisa sobre a percepção do aluno sobre as aulas de educação física:

“[...] os alunos realmente não desejam que todas as coisas sejam fáceis. O desafio de algo difícil, mas realizável é almejado por eles. Afirma que querem aprender melhor, que quanto mais aprenderem, melhor a aula se tornará [...]” (p.158)

Nós já passamos esse momento histórico do “fazer por fazer, hoje estamos em um novo momento que é do “refletir o fazer””. (Amauri Oliveira, 1992).

Na Educação Física Escolar pode-se verificar alguns pontos importantes segundo este mesmo autor: 1), o senso-comum é de que a Educação Física tem mesmo que cumprir o papel de transmitir e insistir na prática do desporto como propósito único; 2) valoriza-se a prática apresentada na medida em que se consegue um rendimento aceitável; 3) descobre-se que a prática vivida não tem sentido na medida em que se procura significado para a mesma; 4) nega-se a prática vivida atribuindo à mesma a categoria de prática com fim em si mesma, sem significado. Isso é o que a Educação Física vem mostrando para todos os/as educandos/as ao longo de sua trajetória.

Se os corpos de alunos e alunas estão juntos nas salas de aula, também poderiam compartilhar juntos o espaço da Educação Física. Nas aulas de Educação Física nas quais o docente esteja preocupado com a educação integral de seus alunos, não se justifica a separação dos sexos, impedindo alunos e alunas de se desenvolverem e aprenderem a conviverem juntos, respeitando-se mutuamente. Se a aula de Educação Física não é uma sessão de treinamento esportivo, a separação dos sexos não pode ser pautada sobre as bases biológicas, tais como diferenças de habilidade motora ou força entre alunos e alunas (Saraiva, 1999).

As aulas mistas na educação física têm o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, porém nem sempre as aulas mistas são aulas co-educativas, pois a co-educação tem como objetivo levar o aluno a trabalhar as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças.

A co-educação é entendida como uma prática conjunta com meninos e meninas, com isto, torna-se importante para o campo pedagógico, apesar de muitos professores resistirem as práticas conjuntas, principalmente devido aos interesses distintos dos alunos e das alunas. As aulas co-educativas são uma prática na qual os alunos e alunas tendem a estarem juntos participando das atividades propostas na aula, quando podem ser problematizadas as questões de gênero inerentes às atividades. Sobre a Co-educação, Saraiva (1999) ressalta:

“Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões (...) como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física” (p.181).

Na Educação Física as práticas corporais vivenciadas por alunos/as geram representações diferenciadas para homens e mulheres, constroem preconceitos e estereótipos relacionados a quem pode ou deve praticá-las, contribuindo para que o movimento corporal esteja impregnado por padrões de conduta, impedindo a Co-educação (Maria do Carmo Saraiva, 2002). Quando tais questões não são problematizadas pelo docente junto aos discentes, turmas de Educação Física que nunca vivenciaram uma abordagem Co-educativa, tendem a oferecer dificuldades para a realização das atividades.

A Co-Educação como abordagem metodológica para a Educação Física contribui para interpretar o desporto e as atividades físicas numa perspectiva relacional de gênero, combatendo o sexismo, libertando alunos e alunas das amarras que determinam o que cada sexo pode vivenciar como práticas corporais. Na dança, por exemplo, os arranjos de gênero costumam mais aos homens do que às mulheres, por possibilitarem que estes manifestem a expressividade emocional/movimentos, aspectos que transgridem o que se associa ao masculino pela sociedade; enquanto o contrário ocorre com o Futebol no caso das mulheres (Maria do Carmo Saraiva, 2002).

Esta tendência binária entre o masculino e o feminino, passa a ser desconstruída a partir de uma abordagem Co-educativa que problematiza as discontinuidades nas representações do feminino e masculino presentes nos novos espaços ocupados por

mulheres (espaço privado, cuidado dos filhos/as) e homens (espaço público, trabalho profissional) na sociedade (Guacira Louro, 2004).

O papel do/a professor/a é levar o/a aluno/a a uma participação efetiva na vida social, aprendendo através das atividades físicas e esportivas a aceitar as diferenças de sexo. Os PCNs alertam para uma reflexão do/a professor/a quanto a sua intervenção, sobre valores e conceitos cultivados, que se mantém, são reforçados através da submissão das relações, e se instalam no ambiente escolar, pautados nas questões de gênero.

Para Guacira Louro (2003) a educação física é uma disciplina que sempre teve uma preocupação com a sexualidade das crianças, visão da masculinidade do menino no esporte sempre foi muito valorizado, enquanto para as meninas o contato físico no jogo e a agressividades vão contra a feminilidade das mesmas.

A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com a relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as suas situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo. Não se pode negar que ser o melhor, no esporte pode representar, especialmente para um menino ou um jovem, um valorizado símbolo de masculinidade, por outro lado, ocupa-se de modo particular das meninas e afirma que os cuidados com relação à sua sexualidade levam muitas professoras e professores a evitar jogos que supõe 'contato físico' ou uma certa dose de 'agressividade'. Agregam-se aí outros argumentos, como o fato que tais atividades podem 'machucar' os seios ou órgãos reprodutores das meninas.

A educação física expõe os estereótipos de gênero, por ela ser uma disciplina que promove a relação de contato e de movimento dos corpos, porém a mesma não está isolada, pois quem a reforça é a escola, por ela ser sexista.

O que acentua os estereótipos de gênero nas aulas de educação física na escola, é a determinação das atividades por sexo, por exemplo, a menina dança e o menino joga futebol. Se o objetivo das aulas é desenvolver as práticas corporais, que são igualitárias aos dois sexos, ex: se forem trabalhados a expressão corporal e o ritmo, são para os dois sexos, se for à força também se destina aos dois. O que não pode ocorrer é um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro. Com isso nas aulas de educação física acabam ocorrendo desentendimentos entre os alunos.

No relacionamento entre meninos e meninas é comum vemos a presença de conflitos, resistências e até mesmo exclusão entre eles. Para isto, um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental é levar os alunos a serem capazes de: “participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais”; (1997 p.33).

Contudo, vemos muito, no caso da escola, os exercícios, as repetições, a avaliação, entre tantas outras práticas, que fazem com que os alunos e alunas sejam organizados, assim como os operários e operárias de uma fábrica, dentro de um sistema de normas de comportamento, com a imposição de uma série de tarefas que visam um objetivo maior de docilizar os corpos:

...a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: a disciplina dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso (Michael Foucault, 1987, p. 127).

Fundamentando-se nas palavras de Foucault ao observar as aulas de educação Física nas escolas identificamos que alguns professores/as por terem sua formação embasada no Tecnicismo, aplicam e reproduzem aquilo que foram instruídos a fazer, formam indivíduos para a “docilização de corpos” com um fim apenas de atender aos interesses da sociedade Capitalista.

Particularmente, acredito que as aulas de educação física na escola podem ser muito diferentes do que encontramos atualmente. Cada turma apresenta um tipo de problema, onde o/a professor/a deverá analisar esta turma e com base no cotidiano desses alunos/as ele/ela deve elaborar sua aula. Uma aula de educação física não é uma mera receita pronta, onde o/a professor/a apenas aplica o que já vem pronto. Para se obter um trabalho com fundamento, e com significativa na formação de alunos/as, precisa primeiramente observar esses alunos/as e não apenas trabalhar conteúdos relacionados à educação física e sim alguns valores que serão importantes para a formação desses alunos/as.

#### 4.4 A EXPRESSÃO CORPORAL

Neste momento trato de alguns conceitos sobre expressão corporal e consciência corporal que foram temáticas importantes para o desenvolvimento das aulas no colégio, de modo a ser imprescindível o aprofundamento das mesmas para se obter um melhor entendimento dos objetivos nas aulas.

Jean Le Bouch (1981 e 1983) destaca a necessidade do ser humano se expressar corporalmente. Segundo este mesmo autor, desde o nascimento, onde a primeira forma de comunicação do indivíduo que o cerca é a expressão corporal, e posteriormente é representada pela fala, onde se amplia as relações com as outras pessoas. Pois é justamente nas relações de intercâmbio, entre uma comunicação e outra, que se estabelecem experiências corporais dos gestos e da linguagem.

Segundo Lola Brickman (1989):

“... Expressar tem vários significados, em relação com o corpo, com a mente, a emoção, a sensibilidade e a capacidade de dar e receber. Podemos dizer que como disciplina educativa, possibilita ao aluno manifestar de forma corporal e plenamente sua mente, sua emoção e suas idéias; relacionar-se e integrar-se criativamente com os membros de seu grupo e aprender a desfrutar e manejar seu corpo como uma totalidade integrada.”(p.22)

Podemos observar que a Expressão Corporal proporciona ao aluno o seu sentir individual e também coletivamente.

Estes mesmo autores enfatizam que “expressar” tem vários entendimentos com a noção de corpo: pode ser visto em movimento estático, nas relações com o mundo, com a sociedade, desenvolvendo as promoções sociais, emocionais e mentais. As aulas de educação física podem ser utilizadas como processo importantíssimo no desenvolvimento das relações sociais, pode-se dizer que sua mente, sua emoção esteja voltada plenamente para o seu corpo, para que haja aprendizado junto com seus colegas.

Henri Bossu e Claude Chalaguer (1975) nos apresenta que:

“... a expressão corporal não se determina no tempo, mas constitui uma atividade à margem da vida cotidiana, muito embora seja por vezes levada a enriquecê-la.” (p.119)

O que é muito importante trabalhar nas aulas de educação física, é partir do cotidiano da turma, a troca de experiências professor e aluno e não apenas a transmissão de conhecimento (Paulo Freire, 1982)

Edson Claro (1988, p.42) conceitua a consciência corporal (também trabalhada na expressão corporal) como: "... o resgate do ser humano consigo mesmo para usufruir coerentemente da companhia do próximo, visando umas reintegrações sociais, que vai proporcionar o equilíbrio da humanidade."

Dionísia Nanni (1995, p.145) percebe a consciência corporal como sendo a consciência de estar no seu meio vinculado pela sensação, observação e percepção dos fenômenos do ambiente que cercam o homem, portanto o seu corpo. E este corpo, ao observar e perceber o mundo, é levado a mover-se para agir, o corpo se move acionado pela ação de perceber, organizar ou relacionar os fenômenos que os cercam em direção a uma integração com o mundo à sua volta.

Lola Brickman (1989) enfatiza também que: "... a Expressão Corporal deve ser entendida em seus múltiplos significados e possibilidades: saber que se é e sentir-se como se é; preservar a própria plenitude corporal comunicar-se consigo mesmo e com os outros, aceitar-se corporalmente com uma atitude sensível e criativa" (p.16).

Henri Bossu e Claude Chalaguier (1975) defendem que a expressão corporal proporciona ao corpo colocar-se em comunicação com o mundo, articulando nas mais variadas formas do existir, ao mesmo tempo pode ser trabalhada em grupo, encontra-se na música, num texto, numa percussão, onde o corpo se expressa espontaneamente.

Com o trabalho da Expressão Corporal é possível o desenvolvimento da criatividade dos alunos/as:

"... A aptidão criadora se expressa na capacidade de transformar o próprio movimento corporal, isto é, na capacidade de perceber a peculiaridade de seu movimento, de suas possibilidades pessoais, e de enriquecê-las, tudo isso devido à aptidão de sentir de forma mais profunda, gerada por uma conexão íntima consigo mesmo, por uma harmonia interior, que gera, naturalmente, por sua vez, novas formas de movimento." (Lola Brickman, 1989, p.19).

É importante ressaltar que é através da criatividade que o/a professor/a pode elaborar um trabalho da conscientização corporal juntamente com seus alunos/as, valorizando as idéias dos mesmos, enfim, construindo conhecimento através de

trocas de experiências e coletivamente. O/a educador/a deve ajudar cada aluno/a a aprender a cuidar de sua integridade, deve procurar promover neles uma atitude de autoconfiança e segurança diante do que é, do que faz e dos demais. Essa segurança citada acima diz respeito à serenidade e liberação do medo de agir, que tem três apoios: saber que se é; sentir-se como se é e que o organismo funcione em plenitude fisiológica (postura correta, adequada localização da energia, controle do grau de tonicidade, respiração livre). (*idem*, 1989, p. 26).

Dionísia Nanni (1995, p.45) enfatiza que "...o movimento não é apenas um suporte que permite ao educando a aquisição de conceitos abstratos, visto que envolve também sensações e percepções, proporcionando-lhe o conhecimento deste complexo instrumento que é o seu corpo, por meio dele, o conhecimento da realidade que o cerca."

No que se refere à consciência corporal este mesmo autor conceitua que esta tem por base componentes como atenção visual, dimensão espacial, lateralidade e identificação com as partes do corpo e outras, e componentes externos: direcionalidade, orientação espacial, sentido do movimento total e parcial cinestésico.

Lola Brickman (1989) nos apresenta também que o educador ao trabalhar com um grupo, utilizando o conteúdo da expressão corporal, deve observar cada aluno/a para seguir o processo individual e ao mesmo tempo, considerar aquilo que cada aluno/a pode aportar ao grupo e qual contribuição do grupo a cada um de seus membros. Dessa forma, a expressão corporal se converte numa experiência de inter-educação que é tão importante respeitar as individualidades como a integração dessas individualidades a um grupo.

Solange Arruda (1988) na introdução de seu livro *Arte do movimento*, afirma que "... é mais *chic*, educado, correto, civilizado e intelectual permanecer rígido. Os adultos, em sua maioria, não se movimentam e reprimem a soltura das crianças." Isso começa em casa e se prolonga na escola.

Embora conscientes de que o corpo é o veículo através do qual o indivíduo se expressa, o movimento corporal humano acaba ficando dentro da escola, restrito a momentos precisos como as aulas de educação física. Nas demais atividades em sala, o sujeito deve permanecer sentado em sua cadeira, em silêncio e olhando para frente.

Embora a LDB 9394/96 garanta o ensino da Arte como componente curricular obrigatório da educação básica, representada por várias linguagens – música, dança, teatro e artes visuais – raramente a dança, a expressão corporal, a mímica, a música e o teatro são abordados, seja pela falta de conhecimento dos profissionais ou pelo desprezo dos mesmos.

Toda dança, não importa qual a estética que lhe é inerente, surge da profundidade do ser humano, ou como Jacqueline Robinson (1978) nomeou que surge da magia e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo).

A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresentam um caráter competitivo, comumente presente nos jogos desportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras crianças ou adolescentes que participam de uma coreografia de grupo. (Solange Arruda, 1988).

Segundo Márcia Strazzacapa (2000) o corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar; servir ou não de modelo... de uma forma ou de outra estamos educando corpos. Nós somos nossos corpos. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não movimento – educação para repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho desenvolvido no Colégio Estadual do Paraná, foi possível identificar muitos conflitos surgidos nas intervenções com alunos e alunas. O/A professor/a tem um papel fundamental em mediá-los. Contudo, estes não estão presentes apenas nas aulas em que trabalhei com a turma, mas em todo o contexto escolar.

A “Expressão Corporal”, teve uma repercussão extremamente importante para a minha experiência como acadêmica, pois além de ser o primeiro trabalho com alunos/as do Ensino Médio, pude refletir questões de gênero e sexualidade que estavam presentes no universo escolar. Para que haja uma formação com finalidade educativa é imprescindível que o/a docente faça a sua intervenção de modo a promover essa reflexão também pelos alunos/as.

No currículo escolar, da maioria, se não de todas as escolas, a Dança é um dos conteúdos exigidos nas aulas de educação física, o que muitas vezes é deixado apenas para as datas festivas, como as festas juninas e semanas culturais.

Com o meu trabalho na disciplina de prática de ensino, posso afirmar que é possível o trabalho da dança e expressão corporal, o que acarreta uma busca pela parte dos/das professores/as em desenvolver as intervenções com finalidades pedagógicas, fazendo com que outros valores sejam refletidos através das temáticas trabalhadas em aula.

Diante da educação de alunos e alunas em seus vários contextos (familiar, social e escolar), muitas vezes o trabalho torna-se um desafio, de modo que o/a professor/a terá o papel de ir contra alguns valores já impostos pela sociedade em que estamos inseridos. Busquei desenvolver aulas onde meninos e meninas vivenciassem igualmente os conteúdos e práticas corporais, visando a co-educação, que vem sendo uma “luta” e um desafio para a conquista da conscientização da importância de não reforçar preconceitos e estereotipar atividades entre os sexos.

Não podemos deixar de refletir que muitas barreiras na educação física precisam ser derrubadas no que se diz respeito à dança e expressão corporal. Uma delas é a receptividade dos próprios professores da escola. Alguns tendem a menosprezar o trabalho considerando a dança um “luxo” de menor importância no

conjunto das disciplinas oferecidas pelo currículo. E isso se difere de professor/a para professor/a e de sua própria formação.

Devemos desenvolver um trabalho na escola onde contemplem várias práticas corporais e não apenas aquelas em que os/as professores/as de educação física se identifiquem, pois é comum encontrarmos nas escolas profissionais que abordam apenas os “bols” (futebol, vôlei, handebol e basquete), de forma tecnicista, movimento pelo movimento. Com isso, não quero afirmar que os “bols” não sejam importantes, mas trago à luz reflexões de como este trabalho pode ser diferenciado através de uma prática reflexiva.

É preciso que os/as professores/as se conscientizem da importância que eles/elas tem na vida do aluno, pois de uma forma ou de outra o/a aluno/a sempre espera algo do professor e estes precisam acrescentar algo na vida deles/as, como valores humanos, que são fundamentais para a formação de indivíduos conscientes em busca de uma sociedade mais humana e democrática.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Solange. *Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana*. São Paulo: PW Gráficos e Editores Associados, 1988.

BETTI, LC.R. Educação física Escolar: a percepção discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v16, n.3, p.158-67.

BORDO, Susan R. "**O corpo e a reprodução da feminilidade**: Uma apropriação feminista de Foucault". In: JACAR, Alison e BORDO, Suzan, R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Trad. Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997, pp. 19-41. (Coleção Gênero, v. 1)

BOURDIEU, Pierre. "**A dominação masculina**". *Educação e Realidade*, v. 20, nº 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 133-184.

BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**; [tradução de Beatriz A. Cannabrava]. São Paulo: Summus, 1989.

BOSSU, Henri. CHALAGUIER, Claude. **A expressão Corporal**. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

CLARO, E. **Método dança de educação física**: uma reflexão sobre consciência corporal e profissional. São Paulo: editora Claro, 1988.

CONNEL, Robert W. "**Como teorizar o patriarcado?**". *Educação e Realidade*, v. 15, nº 2. Porto Alegre, jul./dez. 1990, pp. 85-93. Número Especial Mulher e Educação.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus, 1995

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

IRIGARAY, Luce. Entrevista concedida a Maria Encarna Sanahuja, Tereza Sanz y Rosa Segarra Martí. **DUODA Revista D Estudis Feministes**, n.7, p.177-185,1994.

LE BOUCH. Jean. **A educação pelo movimento**:a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes médicas, 1983.

LOURO, Guacira Lopes. "**Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero**". *Teoria e Educação*, nº 6. Porto Alegre, 1992, pp. 53-67.

MATOS, Maria Izilda S.de. **Por uma história da mulher**. Bauru, EDUSC, 2000.

MATHIEU, Nicole-Claude."Quand ceder n'est pas consentir, des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes, et des quelques-unes de leurs interprétations em ethnologie".In L'Arraïsonnement des femmes, essais em anthropologie des sexes. Paris: EHESS,1985, p.169.245.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma historia da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro. Record- Rosa dos Tempos, 1997.

ROBINSON, Jacqueline. *Lê langage chorégraphique*. Paris: Vigor, 1978.

SCOTT, Joan. "**Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**". *Educação e Realidade*, v. 20, nº 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SNYDERS, George. **A alegria na escola**, São Paulo, Manole, 1988.

STRAZZACAPA, Marcia. "fondements et enseignement des techniques corporelles des artistes de la scene dans Etat de Sao Paulo, Brésil, au Xxeme siecle". Tese de doutorado em Estudos teatrais e coreografico. Université de Paris VIII, Saint Denis, França, 2000.

WELZER-LANG, Daniel. **Lê viol au masculin**. Paris: L'harmattan, 1988.